

## Contando histórias e fazendo arte: desvendando potencialidades do deficiente intelectual

### RESUMO

**Cleonice Aparecida Tozatti**

[ca.tozatti@bol.com.br](mailto:ca.tozatti@bol.com.br)

Universidade Tecnológica Federal do  
Paraná (UTFPR), Medianeira, Paraná,  
Brasil.

**Joice M. Maltauro Juliano**

[joice@utfpr.edu.br](mailto:joice@utfpr.edu.br)

Universidade Tecnológica Federal do  
Paraná (UTFPR), Medianeira, Paraná,  
Brasil.

O presente artigo constitui em trabalho de conclusão do curso da UTFPR, sobre Metodologia e Técnicas de ensino. Tendo por finalidade a realização de uma pesquisa sobre contação de história, onde foram apresentadas algumas técnicas artísticas e em seguida desenvolvidas atividades sugeridas pela professora, visando o desenvolvimento psicossocial do educando com necessidades educacionais especiais, estes inseridos em uma escola especial. Contar história para os filhos deveria ser tão importante como cuidar de sua alimentação, a história nos propicia o mundo da fantasia, onde as emoções são exteriorizadas. Notou-se que os alunos mesmo não sendo alfabetizados demonstraram interesse, motivação e sensibilidade para ouvir histórias. Baseado em conversas informais com os familiares, constatou-se que os alunos foram privados desse prazer durante sua primeira e segunda infância, devido a limitações cognitivas e a aspecto sócio econômico. A proposta sobre contação de histórias, dramatização e fazer artístico através de Técnicas de Pintura proporcionou a interação entre alunos e familiares, contribuindo dessa maneira para inseri-lo em seu meio social.

**PALAVRAS-CHAVE:** aprendizagem; dificuldade; contação de histórias.

## INTRODUÇÃO

Contar histórias é um recurso muito antigo, que vem sendo utilizado pela humanidade para transmitir sua própria História. Fazer uso deste recurso como facilitador da aprendizagem social do educando com necessidades educacionais especiais mostrou-se como uma possibilidade de acesso a novas descobertas.

A proposta de desenvolver potencialidades em pessoas com limitações cognitivas, através de contação de história e produção artística, requer o uso de diferentes recursos que promovam o engajamento do educando, para a compreensão do conteúdo e sua conseqüente exteriorização. Atividades direcionadas, e materiais de uso manual como tinta guache, papel, pincel etc., serão, utilizados como facilitador da aprendizagem sendo que a maioria dos alunos não são alfabetizados. Portanto, o recurso de contar histórias propicia aos alunos acessar o universo da literatura e dele fazer parte ativa, ao recriar seu conteúdo através da arte.

O presente trabalho visou despertar o aluno para o sentido estético da arte, permitindo a democratização do acesso ao universo artístico, oferecendo instrumentos para despertar o aluno acerca de sua própria história e adaptação ao meio em que vive.

A elaboração e organização de momentos de contação de histórias e fazer artístico promove a melhoria qualitativa dos educandos em seu meio social proporcionando seu crescimento coletivo, contribuindo dessa maneira para o desenvolvimento de toda a comunidade escolar.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As histórias utilizadas como precursoras das atividades artísticas, podem ser de diferentes gêneros, tais como, ficcionais, baseadas em fatos reais ou ainda, religiosas. Segundo Saez (apud TAHAN,1966, p.127), o conjunto dos contos infantis são divididos em cinco grupos.

1 - Contos de Fadas: neste grupo estariam incluídos todos os contos de encantamento e os contos em que aparecem seres criados pela imaginação; 2 – contos jocosos e humorísticos, cujo valor está nas aparentes tolices, sem sentido que divertem e fazem rir as crianças; 3 – Contos da Natureza;

estariam incluídos neste grupo, contos que aludem aos animais, às leis da Natureza, crescimento das plantas, formação da Terra – estimulando o interesse e ampliando os conhecimentos; 4 – Narrações históricas e heroicas: abrange este grupo todos os contos em que são narrados atos de bravura, de abnegação e destemor; 5 - Contos realistas ; cabe tal denominação aos contos que encerram, apenas, episódios da vida real, dentro do mundo da experiência infantil, com seus brinquedos prediletos e com seus animais favoritos.

Tatar (2013 p. 9) apresenta uma visão diferenciada sobre contos de fadas.

Os contos de fadas, outrora narrados por camponeses ao pé da lareira para afugentar o tédio dos afazeres domésticos, foram transplantados com grande sucesso para o quarto das crianças, onde florescem na forma de entretenimento e edificação. Esses contos, que passam a constituir um poderoso legado cultural transmitido de geração em geração, fornecem mais que prazeres amenos, enlevos encantadores e deleites divertidos.

Conforme muitos autores os contos de fadas e as histórias fazem parte da vida da maioria das crianças, porém não se pode afirmar que fazem ou fizeram parte da vida do aluno com deficiência.

Caberia elucidar, que os gêneros acima descritos são dirigidos, originariamente para as crianças, e o grupo do presente projeto, circunscreve-se entre quinze a sessenta e cinco anos. Portanto, diferenciar idade cronológica de idade mental é muito importante e lembrar que cada aluno especial tem sua maneira única de ser e agir e carrega consigo todo um histórico familiar e sócio emocional do seu percurso de vida, tentando se equilibrar e construir sua personalidade.

Existem alunos de cinquenta anos, que mentalmente agem como se tivessem cinco anos, então, o trabalho do educador é respeitar esse limite e ao mesmo tempo, não infantilizá-lo. Portanto, a função do narrador de histórias é selecioná-las de acordo com sua idade intelectual. A técnica de utilizar as fantasias, usada como facilitadora para o aluno envolver-se na narrativa. Segundo, Tahan (1966, p.130) "A dramatização de uma história consiste numa atividade escolar interessante, em grande parte relacionada com "A Arte de contar Histórias" seguida do trabalho dos desenhos dos personagens ou de colorir com técnicas diversificadas, auxiliam o aluno a assimilar e compreender o conteúdo da história.

Conforme Ostrower (1977, p.132), "acima de quaisquer outras considerações, o que importa é o processo criador visto como um processo de crescimento contínuo no homem".

Quando um aluno exprime uma idéia, para ele ou para seu grupo, ele se torna um agente ativo no processo de aprendizagem. Considerando as variações na captação cognitiva dos indivíduos, cabe ao professor despertar no aluno a atividade criativa por meio de situações que servirão como estímulo para o potencial inato de cada educando.

Neste trabalho, fez-se necessário desenvolver o nível de sensibilidade do professor responsável pelo contar de histórias para habilitá-lo na percepção das nuances expressivas dos alunos, incentivando sua expressão e desenvolvimento criativos. Pois ao contar histórias, o professor estará mobilizando recursos internos do aluno, como suas emoções e imaginação, que ao serem expressos, possibilitam a construção no mundo externo das referências internas do educando.

Como a possibilidade de atingir conteúdos psicológicos foi uma das finalidades deste trabalho caberia no momento discutir a importância que a criação artística oferece para o desenvolvimento humano. Conforme elucida Hisada (1998, p.5): "O ser humano tem a capacidade de transmitir uma experiência emocional através de um canal plástico como, por exemplo, a poesia, a produção pictórica, a música, o teatro, as histórias enfim, através de experiências da cultura".

A proposta do contar histórias, seguida de uma atividade que possibilita manusear objetos e fantasias ligados ao tema, facilita e convida o educando a penetrar no campo da imaginação. Conforme elucida Arnheim, (1991, p.27) "A história os ajuda a perceber um outro 'mundo' ... o 'mundo' das fantasias", e por meio desse encontrar seu "equilíbrio". É buscando o equilíbrio entre fantasia e realidade que o aluno constrói seu mundo. De acordo com Junior (1953, p.51) "o homem procura equilíbrio em todas as fases da sua vida física e mental". É por meio desse equilíbrio que o homem busca seu lugar no mundo. Continua Junior" (1953, p.52), "O homem cria um universo significativo, em seu encontro com o mundo e através da imaginação", "a imaginação é, portanto, o dado fundamental do universo humano, é o motor de todo ato de criação".

Todo trabalho com aluno especial busca o equilíbrio. Como o objetivo dessa pesquisa foi encontrar um equilíbrio entre imaginação e realidade, e ao mesmo tempo, promover a melhoria da qualidade de vida do aluno a qual parte do

trabalho de todo educador, bem como resgatar esse indivíduo que vive as margens da sociedade muitas vezes, recluso em seus próprios lares.

O projeto sobre contação de histórias ofereceu uma janela na visão desse mundo cinza a que pertence esse aluno com necessidades educacionais especiais, oferecendo a ele dados para que possa lidar de uma maneira construtiva com sua imaginação.

Assim, fez-se necessário contextualizar a relevância da imaginação para o mundo do indivíduo especial, uma vez que, cognitivamente ele apresenta limitações, muitas vezes não mensuráveis. É preciso encontrar “caminhos” para atingir suas potencialidades desconhecidas. Talvez encontrar uma “chave mágica”, nas palavras de Tahan (1966, p. 18) que descreve a “história como abrir uma chave mágica capaz de revelar mil segredos guardados...”

Segredos desconhecidos para o próprio indivíduo, muitas vezes por uma impossibilidade perceptiva de acessá-los, tornando tanto a imaginação como a criatividade recursos propiciadores pois, “pela imaginação o homem ordena o mundo numa estrutura significativa...o homem projeta aquilo que ainda não existe, aquilo que poderia ser, como fruto do seu trabalho”. (Junior, 1983, p.51)

Continua Junior (1983, p.52),

(...) a própria ciência que pretende ser um conhecimento rigoroso das ‘coisas como são’, é filha direta da imaginação. A criação de normas de objetividade, para que a razão se discipline não sofra interferências dos valores e emoções, é um produto da imaginação.

O aluno especial é imaginativo, cria suas próprias histórias e a contação de histórias apresenta a ele novos meios de informação diversificada sobre o mesmo tema.

O desenvolvimento da capacidade da imaginação oferece um duplo acréscimo na vida do educando, ou seja, auxilia-o a interiorizar-se e, ao mesmo tempo, exteriorizar-se. Ajudando-o, portanto a estruturar e organizar seu mundo, tanto interno como externo. Em geral, todo conto apresenta situações desafiadoras que devem ser enfrentadas e superadas pelos personagens da história, propiciando ao educando perceber sua possível dificuldade e ao mesmo tempo, encontrar formas próprias de superá-las, conforme elucida Bettelheim (1980, p. 16):

Para dominar os problemas psicológicos do crescimento – superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis; obter um sentimento de individualidade e de autovalorização, e um sentido de obrigação moral – a criança necessita entender o que está passando dentro de seu eu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão, com isto a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados – ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da estória em resposta a pressões inconscientes.

Ir além da compreensão racional e intelectual, desenvolvendo habilidades de lidar com a vida é o grande desafio para os cuidadores de pessoas com dificuldades. Instrumentalizá-los para a vida, transpondo suas limitações, é a tarefa do educador. A tarefa heróica do educador é ainda mais desafiadora que a dos educandos tidos como devidamente adaptados, pois conforme aponta Amaral (1995, p. 86), “deficiência implica sempre em perda e perda implica em sofrimento: para a pessoa e para a família”.

Não é sem razão que a autora acima faz uma analogia entre a vida da pessoa portadora de deficiência com os “Doze trabalhos de Hércules”, novamente um personagem, um mito, uma história usada para traduzir as lutas e conquistas de um grupo de indivíduos. Enfatizar que o educando da presente análise, precisa enfrentar tanto os desafios do crescimento humano, como os desafios que são impostos pela sua deficiência, sempre se faz necessário.

Características dos alunos dos professores pesquisados Conforme Resumo do Projeto Político Pedagógico da Escola São Camilo, (2013, p. 7),

A definição da deficiência intelectual expressa nos Documentos Oficiais diz que “Os alunos atendidos na Instituição se caracterizam por registrar um funcionamento intelectual abaixo da média, oriundo de período do desenvolvimento, concomitante com limitações associadas a duas ou mais áreas da conduta adaptativa ou da capacidade do indivíduo em responder adequadamente às demandas da sociedade, nos seguintes aspectos: comunicação; cuidados pessoais; habilidades sociais desempenho na família e na comunidade; independência na locomoção; saúde e segurança, desempenho escolar; lazer e trabalho.

Já a cartilha elaborada pela Febiex (2004, p. 22) destaca que,

Para podermos classificar uma pessoa com deficiência mental tem que ter funcionamento significativamente abaixo da

média, geralmente está associada a distúrbio de comportamento adaptativo, e se origina durante o período de desenvolvimento (até os 18 anos). Os deficientes mentais produzem ainda prejuízo nas áreas de desenvolvimento.

Os alunos atendidos pela instituição a qual foi realizada a pesquisa, são alunos com necessidades educacionais especiais associados a distúrbios no comportamento adaptativo que se origina durante o período de desenvolvimento.

A cartilha elaborada pela FEBIEX (2004, p.24) afirma que

Os alunos com necessidades educacionais especiais possui dificuldade na coordenação motora ampla (descoordenação e atraso no desenvolvimento motor), são semi-dependentes. Possuem marca física aparente, desenvolvendo habilidades de auto cuidados. Dificilmente adquirem habilidades de leitura, escrita e cálculo. Um dos principais indicadores que evidenciam a deficiência mental ocorre nos primeiros anos de vida é o significativo atraso na aquisição da linguagem. Apresentam dislalias e são repetitivos.

Também fizeram parte da pesquisa alunos com grau de comprometimento mais acentuado. Estes Fazem vínculos afetivos estreitos como continua Febiex , (2004, p. 24),

Alunos com constituição física frágil, podendo apresentar vários problemas ao mesmo tempo. O desenvolvimento cognitivo e intelectual não possibilita o desenvolvimento acadêmico. Não alcançarão o nível de pensamento conceptual, e aprenderão linguagem limitada. Apresentam dificuldades evidentes de percepção e compreensão. Alguns apresentam comprometimento neurológico. Não alcançam a apreciação do significado social das relações interpessoais.

Após a apresentação diagnóstica e a breve exposição técnica das possibilidades de aprendizagem e adaptação dos educandos, faz-se oportuno retomar a proposta do desenvolvimento afetivo e perceptivo dos educandos através de recursos que não se deixem limitar por diagnósticos que, ainda que necessários, não devem se tornar “rótulos” ou empecilhos para a visão mais ampla e ilimitada dos potenciais humanos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O processo pedagógico da escola demonstra estar adequado às necessidades do educando especial, correspondendo ao ensino socialmente significativo,

seguindo o currículo pedagógico, abrindo espaço para medidas de adequação curricular, partindo da premissa que a arte é importante na escola e deve estar sempre presente em todas as formações culturais de todas as épocas. A história tem um papel importante centralizando o indivíduo no mundo atual e ao mesmo tempo transportando-o para épocas passadas.

Um levantamento de dados, visando obter informações acerca da viabilidade da técnica de contar histórias e fazer arte foi realizado em uma escola especial, da cidade de Curitiba, com 180 alunos em idade entre 14 a 64 anos, os quais apresentam comprometimento cognitivo, linguagem limitada e dificuldades em expressar-se com clareza. Fizeram parte da pesquisa também 10 professores pertencentes ao quadro de funcionários com especialização na área de deficiência mental, e alguns especialistas na área da deficiência visual, apresentando tempo de trabalho variando entre 1 a 25 anos.

Após um levantamento de dados realizado junto à secretaria da escola foi obtido o tempo de trabalho dos professores, a quantidade e idade dos alunos matriculados na instituição.

Tabela 1 – Tempo e profissão

<b>Respostas</b>	<b>nº de professores</b>	<b>%</b>
1 a 5 anos	3	30
5 a 10 anos	2	20
11 a 15 anos	2	20
16 a 20 anos	2	20
21 a 25 anos	1	10
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100</b>

Fonte: Resultados da pesquisa realizada em 2015

Participaram da pesquisa 10 professores, respondendo questionário com 8 perguntas sobre o aproveitamento dos alunos durante a contação de histórias, e realizando com os alunos os trabalhos de artes sobre o tema trabalhado nas histórias contadas.

Participaram da pesquisa 180 alunos, pertencentes ao programa de educação fundamental e ao programa do EJA, educação dos jovens e adultos.

Tabela 2 - Idade dos alunos

<b>Respostas</b>	<b>nº de alunos</b>	<b>%</b>
------------------	---------------------	----------

14 a 15 anos	2	1,11
16 a 17 anos	14	7,78
18 a 29 anos	42	23,42
30 a 59 anos	117	65
acima de 60 anos	5	2,78

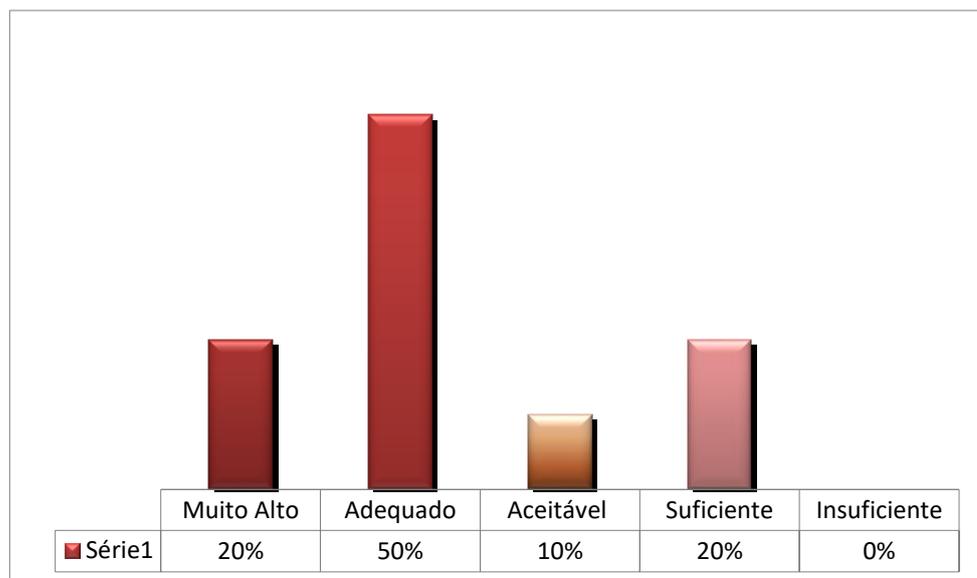
Fonte: Pesquisa realizada em 2015 pelo pesquisador.

Dos 180 alunos participantes, são: 1,11% de 14 a 15 anos, 7,78% de 16 a 17 anos, 23,42% de 18 a 29 anos, 65% de 30 a 59 anos e 2,78% acima de 60 anos.

As respostas dadas ao questionário de 8 questões investiga a relação do aluno especial com a proposta de Contar Histórias, através do olhar dos professores do ensino Especial, ofereceram a análise de diferentes aspectos deste recurso de contar histórias e fazer arte.

As discussões estão sendo apreciadas e apresentadas a seguir.

Gráfico 1: Nível de Aprendizagem

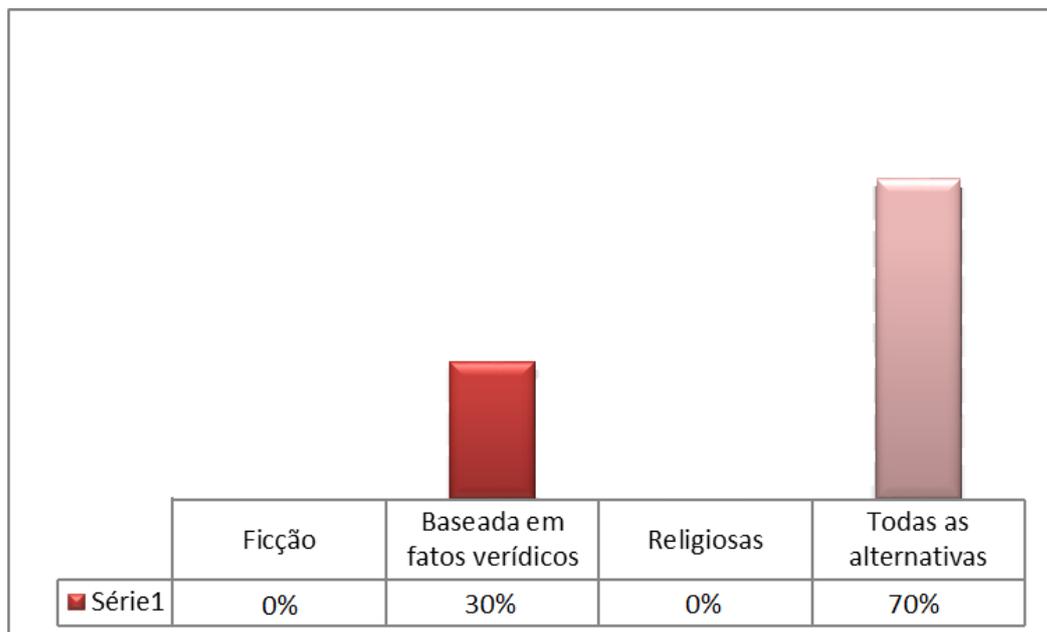


Fonte: Dados colhidos pela autora, 2015.

No que se refere ao nível de aprendizagem sobre a contação de histórias obtido pelos alunos da pesquisa, observou-se que 50% tiveram um nível adequado de aprendizagem, 20% obteve um nível muito alto de aprendizagem, 20% suficiente e 10% obtiveram um nível aceitável, indicando que houve uma interação dos educandos com a contadora de histórias, bem como, os trabalhos com diferentes técnicas de pintura foram realizados por todos os alunos. Observou-se também, durante a contação de histórias, os alunos permaneceram concentrados por cerca de doze minutos, uma vez que um período mais longo ocasiona distrações e desinteresse dos alunos.



Gráfico 2: Tipos de Histórias

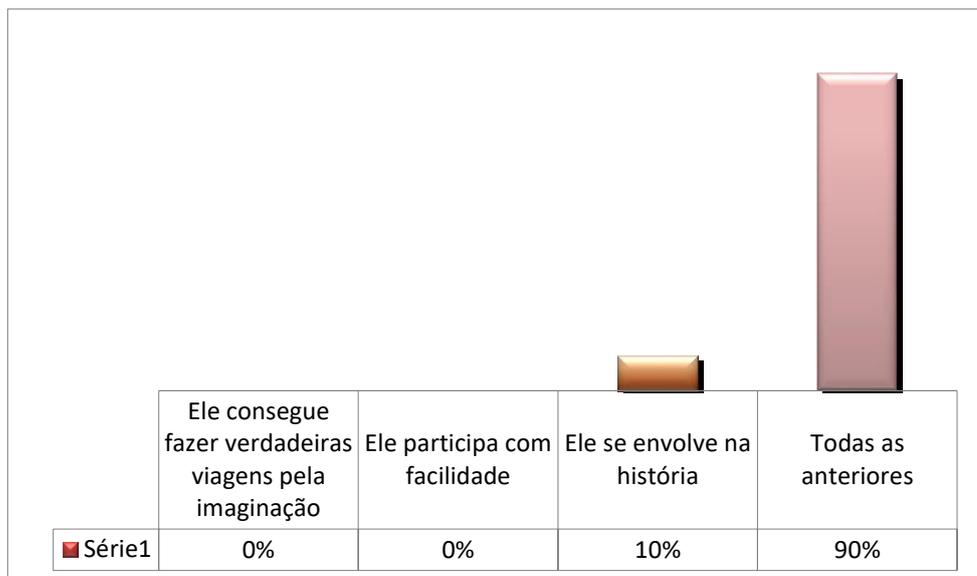


Fonte: Dados colhidos pela autora, 2015.

Quanto aos tipos de histórias mais apreciados obteve-se um resultado favorável a todas as histórias propostas, sejam elas ficção, baseadas em fatos verídicos ou com temas religiosos. Todas as histórias servem de ponte para que os educandos façam associações com sua própria vida, aumentando a compreensão e melhorando sua adaptação ao seu meio social.

Os educandos mostraram-se envolvidos nas histórias, fazendo comentários sobre as mesmas, usando os adereços oferecidos de forma adequada, participando de alguns momentos da narrativa.

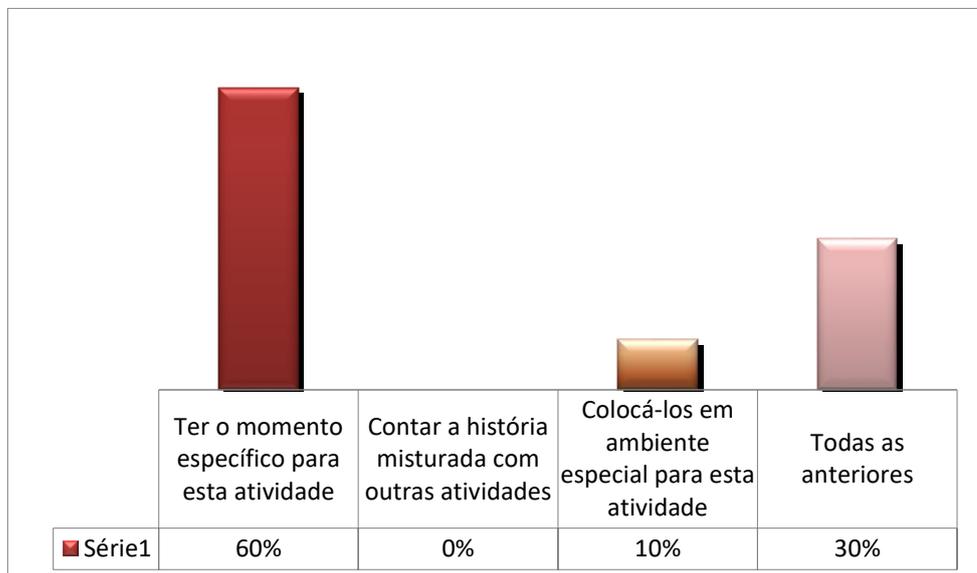
Gráfico 3: Pontos Positivos



Fonte: Dados colhidos pela autora, 2015.

Quanto aos pontos positivos e negativos ficou provado no comentário dos professores que o tempo é um fator importante, o tempo longo dificultou a concentração e atenção, já quando o tempo foi mais limitado o aluno demonstrou envolvimento e participação nas histórias.

Gráfico 4 - Metodologia indicada.

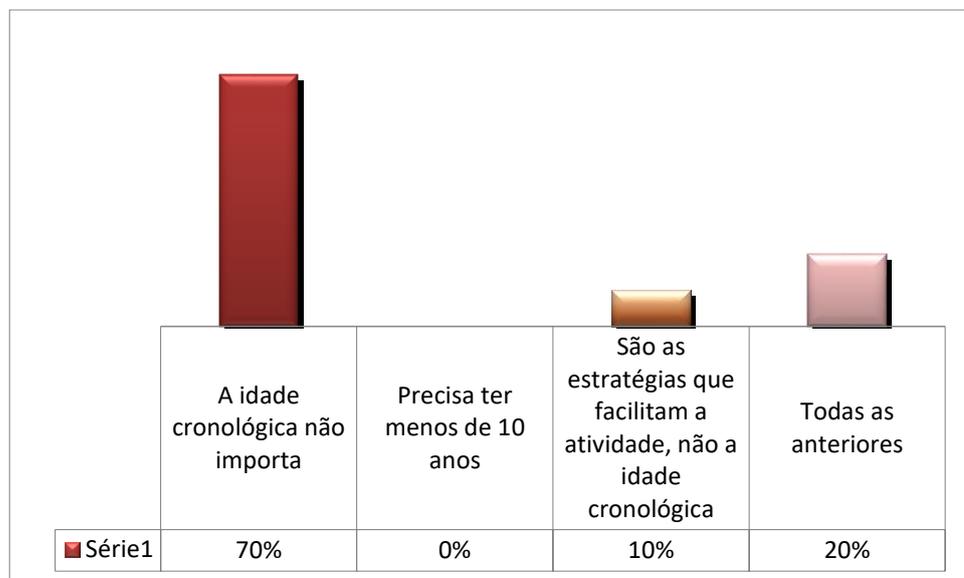


Fonte: Dados colhidos pela autora, 2015.

Quanto à metodologia mais adequada para contar as histórias, foram usados alguns procedimentos como a escolha da história, a participação dos alunos na escolha da fantasia do professor, a escolha dos alunos sobre suas fantasias com o objetivo de vivenciar as histórias contadas, a escolha da história a ser contada

dentre três histórias. Essas técnicas foram utilizadas, buscando atingir o resultado desejado. Houve uma melhor adesão dos alunos quando utilizado um momento específico para a realização da atividade. Faz-se necessário, enfatizar que este momento específico inclui a escolha da história, a preparação das fantasias como perucas, roupas e adereços, seguidos da contação da história.

Gráfico 5 – Idade Cronológica

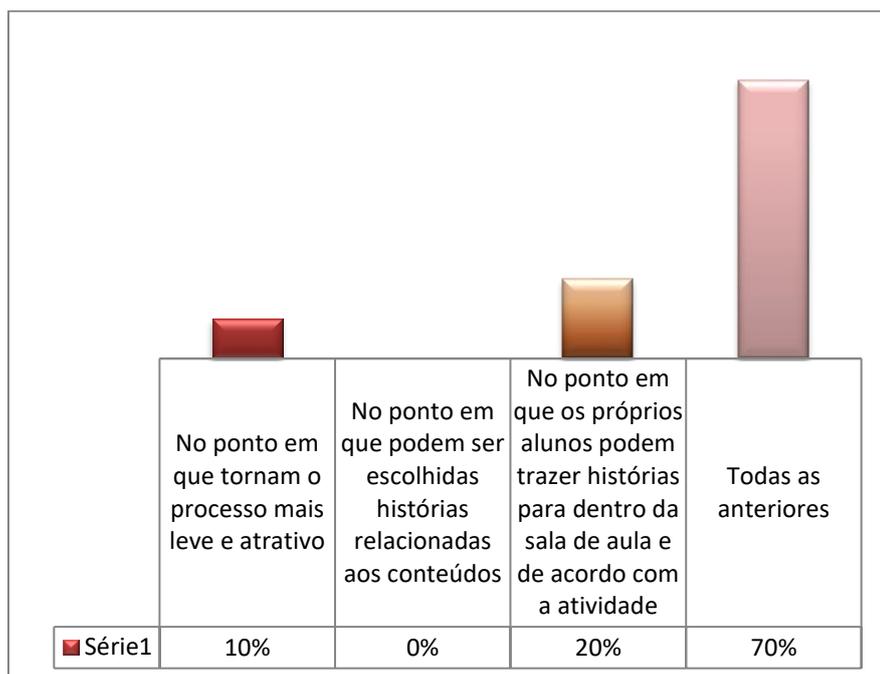


Fonte: Dados colhidos pela autora, 2015.

No que se refere a idade cronológica para participar do projeto, deve-se considerar que por se tratar de alunos com idades mentais similares, as histórias foram escolhidas de acordo com a maturidade psicológica e cognitiva dos educandos, que costuma não estar em consonância com a sua idade cronológica.

As turmas devem ser organizadas conforme a idade mental dos alunos.

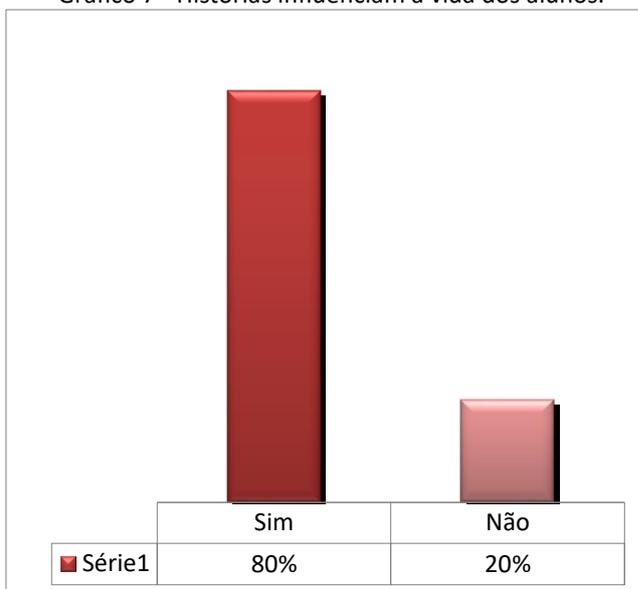
Gráfico 6 – Auxílio na aprendizagem



Fonte: Dados colhidos pela autora, 2015.

Durante a pesquisa foi observada que a contação de histórias contribuiu muito para o auxílio aprendizagem dos alunos. E, a maioria dos educadores participantes da pesquisa concordou que a aprendizagem dos alunos por meio da história torna o processo mais leve, não importando muito o tipo de abordagem ou técnica utilizada.

Gráfico 7 - Histórias influenciam a vida dos alunos.



Fonte: Dados colhidos pela autora, 2015.

Em suma, os educadores foram quase unânimes na aprovação do projeto apresentado, acreditando que os alunos efetivamente engajam-se nas histórias,

dialogando com elas, e posteriormente fazendo referências as mesmas no seu cotidiano educacional, bem como produzindo material artístico com dedicação, deixando fluir sua criatividade.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A realização da pesquisa sobre contação de histórias para os educandos com necessidades educacionais especiais agiu como provocador de prazer e motivação. Além de trabalhar e estabelecer relações entre fantasia e realidade, provou que toda história, quando narrada em ambientes e momentos específicos, produz melhor aproveitamento e pode incentivar os educandos a buscar novas histórias.

Durante o processo do trabalho da pesquisa, o adolescente e o adulto com necessidades educacionais especiais tiveram acesso a conteúdos imaginários, promovendo boa interação com as histórias narradas sendo elas: contos de fadas, histórias bíblicas ou fábulas. Tentou-se estabelecer uma relação entre o mundo de fantasia e a realidade que o aluno especial busca para se afirmar como ser humano.

As diferentes técnicas trabalhadas sobre as figuras das histórias apresentadas durante a pesquisa, pintura a lápis de cor, giz de cera, aquarela, recorte e colagem, mosaico sobre papel, gravura em placas de isopor, proporcionaram aos educandos um maior entendimento sobre a história ouvida, e maior aprendizagem sobre as técnicas de pintura trabalhada.

Ao fazer uso desses recursos artísticos com o educando com necessidades especiais promoveu-se maior conhecimento coletivo sobre as histórias e sobre literatura, inserindo o aluno em uma nova visão cultural.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Lígia Assumpção. **Conhecendo a Deficiência** (em companhia de Hércules). São Paulo: Robe Editorial, 1995.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e Percepção Visual** (uma psicologia da visão criadora). 6ª Edição. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1991.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. – 4.ª ed. – São Paulo: Cortez: Brasília/DF: MEC: UNESCO, 2000. “Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI”.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Porque arte-educação?** Campinas: Papirus, 1983.

FEBIEX, Federação Estadual das Instituições de Reabilitação do Pr. **Conhecendo e compreendendo a pessoa com deficiência**. Curitiba: FEBIEX, 2004.

HISADA, Sueli. **A utilização de Histórias no Processo Psicoterápico**: Editora Revinter, 2ª Edição, 1998.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Rio de Janeiro: Imago Editoria LTDA, 1977.

PARANÁ. **Síntese do Projeto Político Pedagógico**. Escola São Camilo (IHOEPAR) Ensino Fundamental, na modalidade de Educação Especial, Curitiba: IHOEPAR, 2013.

TAHAN Malba. **A Arte de Ler e contar Histórias**. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1966.

TATAR, Maria. **Contos de Fadas**. Edição comentada e ilustrada. Tradução Maria Luiza de Borges, Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

**Recebido:** 18 out. 2016.

**Aprovado:** 24 ago. 2017.

**DOI:**

**Como citar:** TOZATTI, C. A. ; JULIANO, J. M. ; Contando historias e fazendo arte: desvendando potencialidades do deficiente intelectual. R. Eletr. Cient. Inov. Tecnol, Medianeira, v. 8, n .15, 2017. E – 4827.

Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/recit>>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

